

No entanto, nesse resgate do passado, Mauricio vai além, expande sentidos, agregando às palavras do avô outras falas de entonação ítalo-paulistana, associada às tradições do imigrante italiano em processo de aculturação e que marcou profundamente a história de São Paulo. Não só revive o humor insólito que marca a anedota italiana, mas recorre a antigos contos populares da Itália e, assim como acontece no mundo das fábulas, os reconta aclimatando-os aos dias de hoje. Para tanto, evoca provérbios, usos e costumes e, sobretudo, pontua texto e imagem com italianismos e gestos típicos.

Longe da aspiração realista, o autor busca um permanente estado de admiração, aquela capacidade de maravilhar-se com o mundo, com o frescor

da visão de uma criança. Tecidas na teia do vivido, despertadas pelo afeto, as fábulas e anedotas reunidas em *Por fora bela viola* caracterizam-se pela espontaneidade com que são contadas, num discurso tão próximo da oralidade que é impossível não se deixar encantar.

Ana Maria Belluzzo

A Itália é a bota que calça a bruxa. Ma quê? Nos contos de fada, nem todas as velhinhas são o que aparentam. *È vero*, “por fora bela viola, por dentro pão bolorento”, diria o *nonno*. Por isso a *nonna* dá indicações precisas de como chegar ao seu apartamento. Saudades do neto que vem de longe para uma visita?

Nem tudo é o que parece nessas divertidas fábulas e anedotas inspiradas em velhas histórias italianas, recontadas com muito sotaque e gesticulação.

Mauricio Negro

◇◇◇
POR
fora
bela
VIOLA

•••

Com mais de vinte anos de prática, o autor e artista gráfico Mauricio Negro tem pleno domínio da linguagem que se desdobra entre texto e imagem, levando-nos ao universo maravilhoso da fábula. Tendo em vista que a tarefa peculiar do ilustrador é dar fisionomia às coisas pensadas, o pendor para o sentido figurado possibilitou ao autor tirar proveito de “expressões” compartilhadas com povos de diferentes tradições: sua obra como autor-ilustrador reúne histórias contadas e recontadas, lendas e mitos de origem provenientes da coleta de tradições populares, como as indígenas. Além do apreço pelo pensamento originário em sua produção literária infantojuvenil, grafismos nativos são incorporados a suas ilustrações.

Como fabulista, Mauricio não só maneja histórias, mas cria versões, estabelece múltiplas conexões entre ideias, processos, coisas. Atua a intertextualidade num mundo de transformações e transfigurações.

Com *Por fora bela viola* não é diferente, só que, dessa vez, o ponto de partida é a tradição muito próxima dele mesmo: a herança ítalo-paulistana. O encantamento aqui nasce da lembrança do próprio avô materno, das histórias, palavras e expressões vindas do *nonno*. Frequentemente, nos contos infantis, os avós dão às crianças a dimensão do tempo, da distância, dos ascendentes. Já o avô do autor, conhecido como seu Nenê, contraria essas expectativas, uma vez que, pelas mãos do neto, é associado a uma figura divertida, jovial.

Mauricio Negro

POR FORA BELA VIOLA





POR fora
bela
VIOLA



Textos e ilustrações
MAURICIO NEGRO





Ao seu Nenê

*Na migna terra tê parmeras
Dove canta a galligna dangola
Na migna terra tê o Vap'relli
Chi só anda di gartolla.**

*Juó Bananére Barbieri,
giornalista e gandidato à
Gademia Baolista di Letteras.*

** Paródia do poema *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias,
feita por Alexandre Ribeiro Marcondes Machado.*



Meu querido avô Arsenio, mais conhecido como seu Nenê, era filho de imigrantes da região do Vêneto, norte da Itália, e caçula de nove irmãos. Por meio dele conheci algumas matrizes ancestrais das histórias italianas. Dessas mesmas raízes derivam outras tantas narrativas, talvez menos lembradas, adaptadas, traduzidas ou conhecidas.

Escolhi algumas para recontar aqui, buscando preservar o humor e o espírito jocoso de origem, a atmosfera ora fantástica, ora realista, a espontaneidade e a sonoridade típicas. De início, lembrei-me das geniais tiradas filosóficas do sambista ítalo-paulistano Adoniran Barbosa; depois, da estilização modernista de Juó Bananére, memorável personagem que, no início do século XX, ganhou corpo pelo ilustrador Voltolino e alma pelo poeta e humorista Alexandre Ribeiro Marcondes Machado.

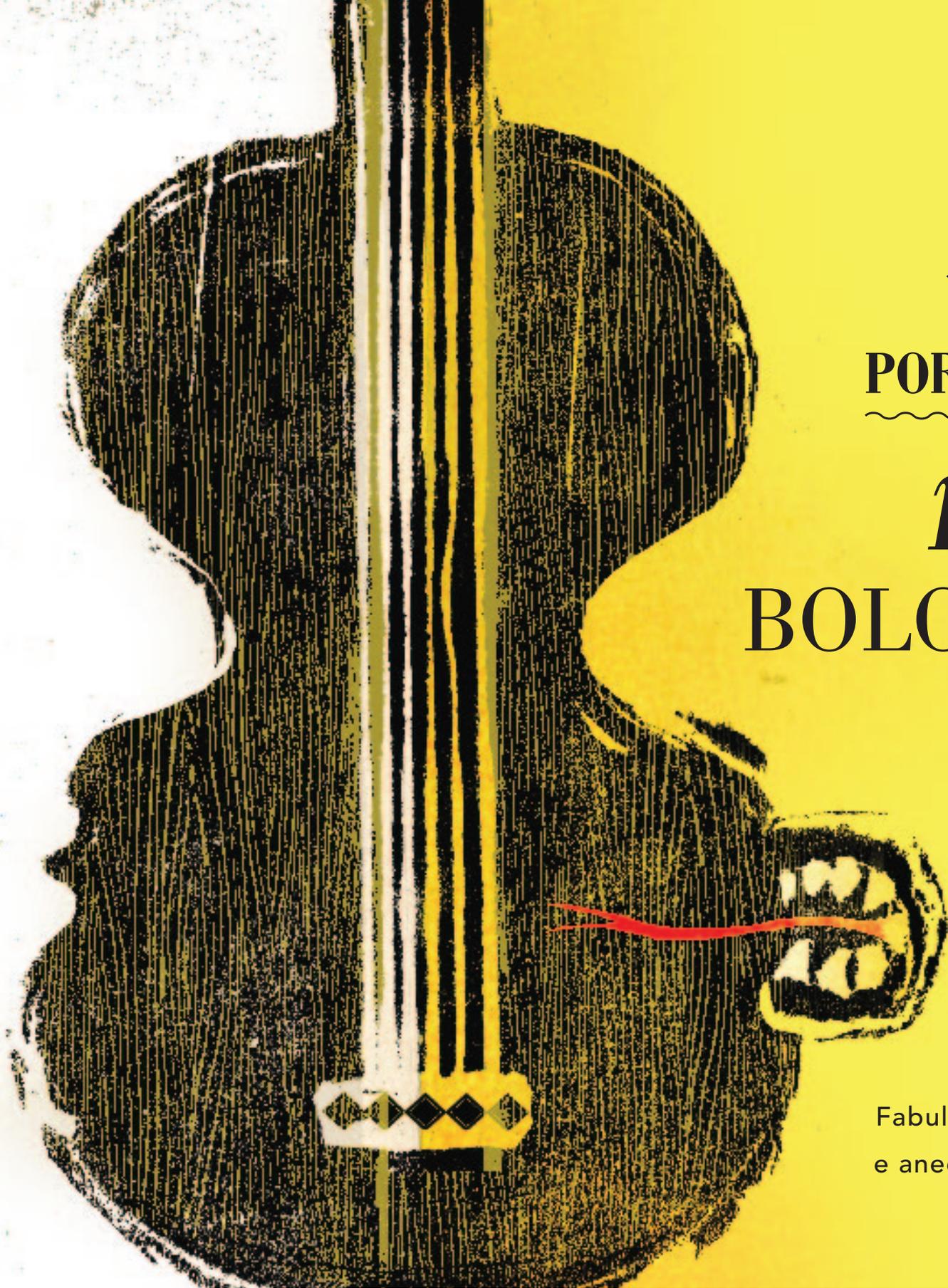
No final das contas, exagerei o jeito de contar do meu próprio *nonno*, para quem os piores xingamentos do mundo eram *rospo* e *strega*, respectivamente “sapo” (homem velho, rabugento e enrugado) e “bruxa” (mulher velha, mal-ajambrada e bocuda). O inesquecível seu Nenê, que tanto refutou assumir os benefícios para idosos, costumava repetir que “*la vecchiaia è brutta, ma l’alternativa è peggio*” (a velhice é bruta, mas a alternativa é pior).

As narrativas que reinventei neste livro, para ler cantando ou gesticulando, não tratam de virtudes morais. Ao contrário, cada velhinha dessas pode até ser uma bela viola por fora. Já por dentro...

Brasileiro que sou, é farta minha mistura. Pelo lado materno, tenho raízes italianas. Estudei o idioma durante quatro anos. Meu avô, por provocação, falava algumas coisas em dialeto vênето (talian). Eu, por minha vez, só manjava o italiano oficial (toscano). O *nonno* costumava dizer que estavam me enganando na escola, porque eu nunca entendia o que ele falava!

Mauricio Negro





POR dentro
pão
BOLORENTO

• • •

Fabuletas velhucas
e anedotas velhacas



I.

331

O neto vem de longe fazer uma visita, acompanhado da nova namorada. A avó lhe dá indicações de como chegar ao seu apartamento:

— Na porta da frente do prédio tem um *painelo*. *Io* moro no apartamento 331. Se recorda? Aperte o *botón* do interfone com o cotovelo, que *io* abro a porta. Entrem, o *elevadore* é na direita. Aperta o *trê* com o cotovelo. Quando vocês saírem do *elevadore*, *mio* apartamento é na esquerda. Com o cotovelo aperta a campainha, que *io* atendo, *capisce*?

O neto então diz:

— Tá certo, *nonna*. Já entendi, mas... Por que tenho que apertar esses botões todos com o cotovelo?

— *Ma quê!* Tão vindo de *món* abanando?